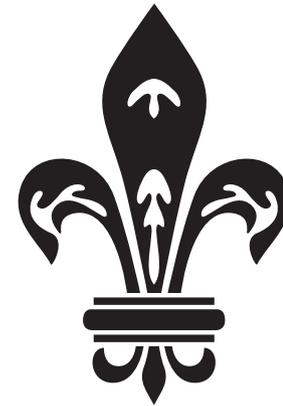




Montesquieu

cartas
persas



PREFÁCIO DE NUNO JÚDICE

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X V

ÍNDICE

Prefácio
de Nuno Júdice

9

PRIMEIRO TOMO

15

SEGUNDO TOMO

213

Algumas reflexões
sobre as *Cartas Persas*
(1754)

385

Nota biográfica

389

© 2015, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *Lettres Persanes*
Originalmente publicado em 1721.

Título: *Cartas Persas*
Autor: Montesquieu
Tradução: Isabel St. Aubyn
Prefácio: Nuno Júdice
Coordenador da coleção: Carlos Vaz Marques
Revisão e composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Novembro de 2015

ISBN 978-989-671-283-9
Depósito Legal n.º 399378/15

PREFÁCIO
O outro que somos nós

As *Cartas Persas* de Montesquieu inscrevem-se no género da ficção epistolar que teve um dos seus momentos altos no século XVIII com as *Cartas Portuguesas* atribuídas a Soror Mariana, sendo Guilleragues, ainda parente de Montesquieu, considerado o seu autor. Nascido em 1689 e falecido em 1755, Montesquieu acompanha um dos grandes períodos da história francesa: o reinado de Luís XIV. Assiste depois à morte do rei e ao problema da sucessão, testemunhando a crise da regência que termina com a subida ao trono de Luís XV em 1723. Na carta CXXVI refere com simpatia uma conspiração que visava pôr no trono de França o rei de Espanha Filipe V, dirigida pelo duque de Maine, bastardo de Luís XIV, e que contou com a ajuda do embaixador de Espanha em Paris António Júdice, ficando conhecida por «conspiração de Cellamare», que era o título do embaixador. É nesse período de transição, em 1721, que as *Cartas Persas* são publicadas semiclandestinamente devido à sua forma satírica. O livro consagra o seu autor, que se irá distinguir com textos históricos e científicos que o levarão a entrar para a Academia. Em 1748 publica *Espírito das Leis*, anonimamente, tal como fizera com as *Cartas Persas*. A obra

é objecto de vários ataques, estando na origem da *Declaração dos Direitos do Homem* e do conceito de cidadão que a Revolução Francesa de 1789 irá consagrar.

Montesquieu é, portanto, um dos nomes centrais na filosofia setecentista, e podemos integrá-lo no grupo de escritores e pensadores que contribuíram para a revolução do pensamento que irá dar origem aos princípios da Revolução Francesa. A partir da primeira edição de 1721 e até à morte do autor, o livro conta cerca de trinta edições feitas sem a sua intervenção. Só em 1754 é publicada a última edição, revista por ele e com um texto não assinado em que procura responder a um crítico que o acusara de impiedade, justificando a visão caricatural e a linguagem desenvolta com que os costumes e a religião ocidentais são tratados com o olhar dos persas que nos vêem como o Outro e apresentam uma interpretação da civilização ocidental sem preconceitos nem autocensura.

O sucesso deste livro deve-se ao engenho com que nele se combinam vários elementos que cativam o leitor da primeira à última página. Começa pelo exotismo: nenhum dos correspondentes é europeu, o que os liberta de uma excessiva familiaridade com os costumes que permitem esse olhar crítico, distante ou maravilhado, da vida ocidental. Montesquieu faz uso de vários registos: o histórico e o geográfico, dado que as cartas são enviadas para quem ficou na Pérsia ou na Turquia, o filosófico e o ficcional. As duas personagens centrais são os viajantes que chegam a Paris: Rica e Usbek. O primeiro, jovem e celibatário, é mais filósofo e as suas cartas reflectem o pensamento sobre as instituições e a sociedade em termos mais gerais e reflexivos; o segundo interessa-se pelos pormenores e anedotas da vida quotidiana

do povo e da corte e é nas cartas que podemos acompanhar o que se passa em Ispaão, de onde partiu deixando o seu serralho entregue à guarda de eunucos.

O drama da ausência constitui a principal linha narrativa das *Cartas Persas*: o serralho é um espaço governado por eunucos dirigidos pelo tirano Solim, que manobra o ciúme de Usbek dando-lhe informações falsas acerca do comportamento das mulheres e de outros eunucos, levando no final ao suicídio de Roxane, a mais digna e madura de todo o grupo. Este é o lado que podemos associar às *Cartas Portuguesas*: um fundo libertino feito de amores picantes em que alguns dos próprios eunucos entram em jogos eróticos com as jovens de um harém cada vez mais entregue a si próprio devido à falta do proprietário, que só consegue transmitir as suas ordens através das cartas.

Mas há também pequenas histórias na linha da tradição do conto oriental, introduzindo momentos de pausa nas cartas de carácter mais político ou filosófico. Numa delas, a CXLI, Montesquieu imagina o paraíso das mulheres, em que, ao contrário de religiões que dizem que elas não têm alma, dá voz a uma persa chamada Zulema que descreve o que sucede a uma vítima do marido ciumento. Assassinada por ele, chega a um jardim das delícias em que dois homens lhe dão todos os prazeres com que ela sonhava. A sua vingança será enviar ao harém um duplo do marido que satisfaz todas as mulheres e, quando Ibraim chegou, o levou para tão longe que, no seu regresso, encontrou as suas riquezas dissipadas pelo seu duplo, que abriu o serralho a outros homens, o que teve como resultado que, além das mulheres bem satisfeitas com a sua liberdade, o marido encontrou trinta e seis crianças.

Este espírito livre percorre todo o texto, censurando a ortodoxia religiosa que levou a que a igreja de Roma entrasse em guerra contra os opositores do dogma designados por heréticos, na carta XXIX, ou comparando, na carta XXIV, o rei de França Luís XIV a um astrólogo, porque consegue convencer os cidadãos, quando precisa de dois milhões e só tem um milhão, que uma moeda vale duas, assim duplicando o seu valor. Mas não se limita ao que sucede em França: há cartas de Moscovo, de Esmirna, de Veneza, de Livorno, onde se encontram outros correspondentes, para além das cartas que mulheres, escravos e eunucos enviam de Ispaão, na Pérsia.

Muito interessante para nós é a carta LXXVIII, atribuída a um francês que se encontra em Espanha depois de ter viajado também por Portugal. Atribui-se aos povos ibéricos um desprezo por todos os povos, com excepção dos franceses, que são odiados; e as características dos habitantes são os óculos e o bigode, sendo este um sinal de respeitabilidade tal, que Montesquieu dá o exemplo de um general português que, para receber um empréstimo em Goa, apresentou como penhor as suas barbas (refere-se a uma história que se passou com D. João de Castro). Menciona também a Inquisição, a tendência que os bem-nascidos têm para não trabalhar, assim como a galantaria e a boa educação que levam os inquisidores, antes de queimar os judeus, a pedir-lhes desculpa. Por último, fala de um pormenor curioso relativo às mulheres que, vestidas até aos tornozelos, podem, no entanto, exhibir os seios em grandes decotes.

A literatura também é objecto de várias reflexões, nomeadamente a que se encontra na carta CXXXVII, com observações muito pertinentes sobre a poesia e o romance.

Todo o livro é, assim, uma antologia de observações curiosas e originais sobre a época, escritas por um espírito inquieto e vigilante do que faz funcionar a sociedade, e obrigando a cada instante a uma leitura em segundo grau das suas descrições aparentemente ingénuas, mas sempre remetendo para essa dimensão crítica do filósofo que pretende contribuir para transformar o mundo regido pelo absolutismo da monarquia, em França, e pelo despotismo do homem, no mundo islâmico. Se o livro foi tão lido e tão glosado em obras que pegam no mesmo esquema de dar voz ao Outro (apesar de isso não passar de um artifício literário), a diferença das *Cartas Persas* reside no olhar implacável, mas ao mesmo tempo curioso e apaixonado, sobre uma realidade que em muitos aspectos continua actual, o que faz com que o livro de Montesquieu seja não apenas uma curiosidade literária, mas também um apelo à independência do juízo e ao espírito de liberdade que devem ser princípios fundamentais na ordem social.

—NUNO JÚDICE

CARTAS PERSAS

POR

MONTESQUIEU



TOMO I

INTRODUÇÃO (1721)

Não escrevo uma epístola de veneração, nem peço protecção para este livro: será lido, se for bom; e, se for mau, não me importarei se não o lerem.

Escolhi estas primeiras cartas para sopesar o gosto do público: tenho muitas mais de reserva, que poderei divulgar posteriormente.

Mas na condição de não ser conhecido: na verdade, se o meu nome vier a ser conhecido, calar-me-ei de imediato. Conheço uma mulher que caminha muito bem, mas que coxeia logo que olham para ela. A obra contém defeitos suficientes para que ainda exponha à crítica os da minha pessoa. Se soubessem quem sou, diriam: o livro vai de par com o seu carácter, devia empregar o tempo em algo melhor, isto não é digno de um homem sério. Esta espécie de reflexão nunca falta nas críticas, porque pode ser feita sem grandes exercícios de pensamento.

Os persas que aqui escrevem viviam comigo; passávamos a vida juntos. Visto que me olhavam como um homem de outro mundo, não me escondiam nada. De facto, pessoas transplantadas de tão longe não podiam guardar segredos. Transmitiam-me a maior parte das suas cartas; eu copiava-as. Cheguei a surpreender algumas que bem gostariam de não me ter confidenciado, tão mortificantes eram para a vaidade e a inveja persas.

Assim, desempenho o ofício de tradutor: todo o meu esforço consistiu em adaptá-las aos nossos costumes. Tanto quanto possível, libertei o leitor da linguagem asiática, e poupei-o a uma infinidade de expressões sublimes, que o teriam enfadado até mais não.

Mas não foi apenas isto o que eu fiz pelo leitor. Abreviei os longos cumprimentos em que os orientais não são menos pródigos do que nós; e ignorei um número infinito dessas minúcias que tão dificilmente perduram à luz do dia, e que devem morrer sempre entre dois amigos.

Se a maior parte daqueles que nos deixaram colectâneas de cartas houvessem procedido do mesmo modo, teriam visto perecer a sua obra.

Há uma coisa que sempre me surpreendeu: conhecer alguns persas por vezes tão instruídos como eu quanto aos usos e costumes da nação, até perceberem as mais subtis circunstâncias, e observar coisas que, estou certo, escaparam a muitos alemães que viajaram por França. Atribuo o facto à sua longa estadia: sem esquecer que é mais fácil para um asiático aprender num ano os costumes de um francês, do que é para um francês aprender os costumes dos asiáticos em quatro; porque uns confiam-se tanto quanto os outros comunicam pouco.

Os costumes permitiram que os tradutores, e mesmo os mais bárbaros comentadores, enfeitassem o cabeçalho da sua versão, ou das suas interpretações, com o panegírico do original, e salientassem a sua utilidade, o mérito e a excelência. Não o fiz: adivinham-se facilmente as razões. Uma das melhores é que seria coisa deveras enfadonha, colocada num espaço já de si deveras enfadonho por natureza, ou seja, um prefácio.

CARTA I
Usbek ao amigo Rustan
Em Ispaão

Permanecemos um único dia em Qom. Depois de fazermos as nossas orações no túmulo da virgem que deu à luz doze profetas, pusemo-nos de novo a caminho, e ontem, vigésimo quinto dia da nossa partida de Ispaão, chegámos a Tabriz.

Eu e Rica talvez sejamos os primeiros persas que o desejo de saber levou a abandonarem o seu país, renunciando à paz de uma vida tranquila para irmos procurar laboriosamente a sabedoria.

Nascemos num reino florescente; mas não acreditámos que as suas fronteiras fossem as dos nossos conhecimentos, e que só a luz oriental devesse iluminar-nos.

Descreve-me o que dizem da nossa viagem; não me teças elogios: não estou à espera de um grande número de apoiantes. Envia a carta para Erzurum, onde permanecerei durante algum tempo. Adeus, meu caro Rustan. Acredita que, onde quer que me encontre neste mundo, tens em mim um amigo fiel.

De Tabriz, 15 da lua de Safar, 1711.

CARTA II

*Usbek ao primeiro eunuco negro**No seu serralho de Ispaão*

Tu és o guardião fiel das mais formosas mulheres da Pérsia; confiei-te o que de mais caro tinha no mundo: tens nas mãos a chave das portas fatais que só se abrem para mim. Enquanto velas por essa reserva preciosa do meu coração, ele descansa e goza de total segurança. Vigia-lo tanto no silêncio da noite como no tumulto do dia. Os teus cuidados infatigáveis sustentam a virtude quando esta é abalada. Se as mulheres que guardas quisessem faltar ao seu dever, levá-las-ias a perder essa esperança. És o flagelo do vício e o esteio da fidelidade.

Mandas nelas, e obedeces-lhes. Executas cegamente todas as suas vontades, e exiges ao mesmo tempo que cumpram as leis do serralho; apraz-te prestar-lhes os serviços mais vis; submetes-te com respeito e temor às suas ordens legítimas; serve-las como escravo dos escravos. Mandas, contudo, como senhor absoluto, como eu próprio, quando receias que relaxem das leis do pudor e da modéstia.

Lembra-te sempre do nada a que te subtraí, quando eras o último dos meus escravos, para te pôr no lugar que ocupas e te confiar as delícias do meu coração: mantém-te numa profunda submissão junto daquelas que partilham o meu amor; mas ao mesmo tempo faz-lhes sentir a sua extrema dependência. Proporciona-lhes todos os prazeres que possam ser inocentes; ilude as suas inquietações; diverte-as pela música, as danças, as bebidas deliciosas; convence-as

a reunirem-se frequentemente. Se quiserem ir passear ao campo, podes levá-las, mas aniquila todos os homens que se apresentem à sua frente. Exorta-as ao asseio, que é a imagem da clareza da alma; fala-lhes por vezes de mim. Gostaria de voltar a vê-las nesse encantador lugar que elas embelezam. Adeus.

De Tabriz, 18 da lua de Safar, 1711.

CARTA CLXI
Roxana a Usbek
Em Paris

Sim, enganei-te; seduzi os teus eunucos; trocei do teu ciúme; e soube fazer do teu horrível serralho um lugar de delícias e prazeres.

Vou morrer; o veneno vai correr nas minhas veias: na verdade, que faria eu aqui, se o único homem que me prendia à vida já não existe? Morro; mas a minha sombra voa bem acompanhada: acabo de despachar os guardas sacrílegos, que derramaram o mais belo sangue do mundo.

Como pudeste pensar que eu fosse suficientemente crédula para me imaginar neste mundo só para adorar os teus caprichos? Que, enquanto te permites tudo, tivesses o direito de perturbar todos os meus desejos? Não: consegui viver na servidão; mas sempre fui livre: adaptei as tuas leis às leis da natureza; e o meu espírito sempre se manteve independente.

Ainda devias agradecer-me o sacrifício que fiz por ti; ter-me rebaixado até te parecer fiel; ter cobardemente guardado no meu coração o que devia ter exibido perante a terra inteira; enfim, ter profanado a virtude sofrendo por chamarem assim a minha submissão às tuas fantasias.

Espantaste-te por não veres em mim os arrebatamentos do amor: se me conhecesses bem, verias toda a violência da raiva.

Mas, durante muito tempo, tiveste a vantagem de acreditar que um coração como o meu te estava submetido. Éramos ambos felizes; julgavas-me enganada, e eu enganava-te.

Esta linguagem parece-te com certeza nova. Seria possível que, depois de te cumular de dores, ainda te obrigasse a admirar a minha coragem? Mas assim foi, o veneno consome-me, as forças abandonam-me; a pena cai-me das mãos; até o ódio sinto enfraquecer; vou morrer.

Do serralho de Ispaão, 8 da lua de Rebiab I, 1720.

F I M
 D O S E G U N D O T O M O

ALGUMAS REFLEXÕES
SOBRE AS CARTAS PERSAS

(1754)

Nada mais vantajoso, nas Cartas Persas, do que aí encontrar, sem esperar, uma espécie de romance. Vê-se o começo, a progressão, o fim: as diversas personagens dispõem-se numa cadeia que as une. À medida que prolongam a estadia na Europa, os costumes desta parte do mundo adquirem nas suas cabeças um ar menos maravilhoso e menos extravagante; e sentem-se mais ou menos impressionados por esta extravagância e esta maravilha, consoante os seus diferentes caracteres. Por outro lado, a desordem cresce no serralho da Ásia quanto mais a ausência de Usbek se prolonga, isto é, à medida que aumenta a raiva e o amor diminui.

De resto, este género de romances obtém geralmente sucesso, porque cada um de nós evoca a sua própria experiência; o que, mais do que quaisquer descrições, faz viver as paixões intensamente. E esta é uma das causas do sucesso de algumas deliciosas obras publicadas depois das Cartas Persas.

Por fim, nos romances comuns, as digressões só são toleradas quando elas próprias formam um novo romance. Não saberíamos encadear raciocínios porque, não tendo nenhuma das personagens sido convocada para raciocinar, isso entraria em choque com o desígnio e a natureza da obra. Mas, na forma de cartas, onde os actores não são escolhidos, e onde os assuntos tratados não dependem de qualquer intenção ou plano já formado, o autor beneficiou da vantagem de poder conjugar a filosofia, a política e a moral de um romance, ligando tudo através de uma cadeia secreta e, de certo modo, desconhecida.

No início, as Cartas Persas tiveram uma procura tão prodigiosa, que os livreiros recorreram a todos os meios possíveis para as perpetuarem. Puxavam pela manga de todos os que encontravam: «Escreva Cartas Persas», diziam eles.

Mas o que acabo de dizer basta para provar que não são susceptíveis de continuação, menos ainda de articulação com cartas escritas por outras mãos, por muito engenhosas que possam ser.

Há algumas características que muita gente achou demasiado ousadas; mas que prestem atenção à natureza desta obra. Os persas destinados a nela desempenhar um tão grande papel viram-se de repente transplantados para a Europa, isto é, para outro universo. Houve alturas em que foi necessário representá-los dotados de ignorância e preconceitos: impunha-se apenas mostrar o desenvolvimento e a progressão das suas ideias. Os seus primeiros pensamentos tinham de ser singulares: parecia que bastava conferir-lhes a espécie de singularidade compatível com o espírito; bastava descrever o sentimento experimentado perante tudo o que lhes parecera extraordinário. Muito antes de se pensar no interesse de qualquer princípio da nossa religião, ninguém se preocupava sequer com a imprudência. Estas características estão sempre ligadas ao sentimento de surpresa e de espanto, e não à ideia de escrutínio, menos ainda à de crítica. Quando falam da nossa religião, estes persas não devem parecer mais instruídos do que quando comentam os nossos usos e costumes; e, se por vezes acham os nossos dogmas singulares, esta singularidade está sempre marcada pela perfeita ignorância das ligações entre estes dogmas e as nossas outras verdades.

Esta justificação é feita por amor a estas grandes verdades, independentemente do respeito pelo género humano, que decerto não se quis atingir pela via mais delicada. Assim, o leitor nunca deverá deixar de encarar as características de que falo como efeitos da surpresa de pessoas que devem senti-la, ou como para-

doxos feitos por homens que não estavam sequer em estado de os fazer. O leitor deve atentar que todo o prazer consistia no contraste eterno entre as coisas reais e a maneira singular, ingénua ou bizarra como eram entendidas. A natureza e os propósitos das Cartas Persas são tão visíveis, que decerto só iludirão aqueles que quiserem iludir-se.

NOTA BIOGRÁFICA

O filósofo e escritor Charles-Louis de Secondat, mais conhecido como Montesquieu, nasce a 18 de Janeiro de 1689, perto de Bordéus.

Em 1716, o seu tio Jean-Baptiste, barão de Montesquieu, morre e deixa ao sobrinho o seu património e o seu título, para além do cargo de presidente do Parlamento de Bordéus. Montesquieu, então com 27 anos, dedica-se a exercer funções judiciais, a gerir as suas propriedades e a desenvolver estudos científicos em áreas como a geologia, a biologia e a física, que havia estudado na Academia de Bordéus.

Em 1721, publica *Cartas Persas*, um brilhante retrato satírico da sociedade francesa — e parisiense em particular —, supostamente observada na perspectiva de dois viajantes persas. *Do Espírito das Leis*, publicado em 1748, é uma das obras mais importantes sobre teoria política e jurisprudência. Após a sua publicação, os filósofos do Iluminismo aceitam Montesquieu como igual. No entanto, o livro gera polémica, e surgem incontáveis artigos e panfletos condenatórios, aos quais o autor responde com *Défense de l'esprit des lois* (1750). Com este livro conquista fama internacional.

Essai sur le goût (1757), que começara a escrever 25 anos antes, foi a sua última obra. Montesquieu morre a 10 de Fevereiro de 1755, em Paris.

NESTA COLECÇÃO

- | | | | |
|--|---|--|--|
| Morte na Pérsia
<i>Annamarie Schwarzenbach</i>
(trad. Isabel Castro Silva) | Na Síria
<i>Agatha Christie</i>
(trad. Margarida Periquito) | Viagem a Tralalá
<i>Wladimir Kaminer</i>
(trad. Helena Araújo) | Hav
<i>Jan Morris</i>
(trad. Raquel Mouta e Vasco Gato) |
| Uma Ideia da Índia
<i>Alberto Moravia</i>
(trad. Margarida Periquito) | A Viagem dos Inocentes
<i>Mark Twain</i>
(trad. Margarida Vale de Gato) | Histórias de Londres
<i>Enric González</i>
(trad. Carlos Vaz Marques) | Mi Buenos Aires Querido
<i>Ernesto Schoo</i>
(trad. Carlos Vaz Marques) |
| Paris
<i>Julien Green</i>
(trad. Carlos Vaz Marques) | Viva México
<i>Alexandra Lucas Coelho</i> | Os Primos da América
<i>Ferreira Fernandes</i> | Histórias de Roma
<i>Enric González</i>
(trad. Rita Almeida Simões) |
| O Japão é Um Lugar Estranho
<i>Peter Carey</i>
(trad. Carlos Vaz Marques) | Jerusalém — Ida e Volta
<i>Saul Bellow</i>
(trad. Raquel Mouta) | Cadernos Italianos
<i>Eduardo Pitta</i> | A Estrada para Oxiana
<i>Robert Byron</i>
(trad. Raquel Mouta) |
| Veneza
<i>Jan Morris</i>
(trad. Raquel Mouta) | Caminhar no Gelo
<i>Werner Herzog</i>
(trad. Isabel Castro Silva) | Um Gentleman na Ásia
<i>Somerset Maugham</i>
(trad. Raquel Mouta) | Dália Azul, Ouro Negro
<i>Daniel Metcalfe</i>
(trad. Susana Sousa e Silva) |
| Caderno Afegão
<i>Alexandra Lucas Coelho</i> | Cartas do Meu Magrebe
<i>Ernesto de Sousa</i> | Mais Um dia de Vida —
Angola 1975
<i>Ryszard Kapuściński</i>
(trad. Ana Saldanha) | Era Uma Vez em Goa
<i>Paulo Varela Gomes</i> |
| Disse-me Um Adivinho
<i>Tiziano Terzani</i>
(trad. Margarida Periquito) | Viagem de Autocarro
<i>Josep Pla</i>
(trad. Carlos Vaz Marques) | Vai Brasil
<i>Alexandra Lucas Coelho</i> | Viagem à Volta do Meu Quarto
<i>Xavier de Maistre</i>
(trad. Carlos Sousa Almeida) |
| Nova Iorque
<i>Brendan Behan</i>
(trad. Rita Graña) | O Colosso de Maroussi
<i>Henry Miller</i>
(trad. Raquel Mouta) | Dicionário de Lugares Imaginários
<i>Alberto Manguel e Gianni Guadalupi</i>
(trad. Carlos Vaz Marques e Ana Falcão Bastos) | Terra Nullius
<i>Sven Lindqvist</i>
(trad. Luís Mexêdo) |
| Histórias Etíopes
<i>Manuel João Ramos</i> | O Murmúrio do Mundo
<i>Almeida Faria</i> | | Histórias de Nova Iorque
<i>Enric González</i>
(trad. Raquel Mouta) |



cartas
persas

*foi composto em
caracteres Hoefler
Text e impresso na
Rainbo & Neves,
Artes Gráficas,
em papel
Coral Book
de 80 g, em
Outubro
de 2015.*